
A Desinformação como Epidemia: Sintomas e Padrões das *Fake News* no Brasil¹

Lucas de Araujo Rocha CARVALHO²
Mércia Sylvianne Rodrigues PIMENTEL³
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

O reconhecimento da desinformação é um desafio constante para todos que se expõem a conteúdos on-line. Assim, o presente trabalho verifica as convenções e mecanismos que caracterizam esse fenômeno, tendo como recorte as *fake news* sobre a pandemia, checadas entre 2020 e 2021, resgatadas através da checagem de fatos no Brasil e vistas à luz da Análise do Discurso de Pêcheux. Elaborar-se, a partir disso, propostas de leitura e identificação, entendendo que essas materialidades operam em conjunto, em um cenário discursivo oportuno de análise, e que o mapeamento desses enunciados converge para o combate a políticas da extrema-direita no país e seus agentes.

PALAVRAS-CHAVE: Desinformação; Infodemia; Coronavírus; Redes Sociais.

INTRODUÇÃO

A desinformação no Brasil condensa fenômenos históricos e discursos que são reproduzidos no país por diversas gerações de interlocutores. Dessa forma, estudar esse objeto é lançar olhar sobre diversas instâncias comunicacionais, midiológicas, discursivas, políticas, sociais e históricas do país.

Nesse sentido, o momento da pandemia de Covid-19 forma um campo propício de observação do objeto das *fake news*, dispostas em um espaço onde as informações falsas não apenas são verificadas com embasamento técnico, diminuindo o espaço de critérios puramente ideológicos, como também a urgência da situação sanitária demanda um posicionamento conciso de opinião e ação, em prol da sobrevivência dos demais. Esse espaço gera, portanto, um campo amostral que possibilita um olhar específico à desinformação, mesmo que resguardadas as particularidades desse momento histórico.

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo do ICHCA-UFAL, e-mail: lucas.carvalho@ichca.ufal.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do ICHCA-UFAL, email: mercia.pimentel@ichca.ufal.br

Tendo em vista a metodologia da Análise do Discurso (AD), verificar a dimensão dos efeitos de sentidos e das condições em que eles se dão aos sujeitos é proveitoso para dar direção à proposta aqui apresentada, que objetivou entender o fenômeno da desinformação em sua esfera simbólica, elaborando um caminho de análise que possa ser proposta de método de leitura para que sujeito, no seu cotidiano, identifique uma materialidade desinformativa.

Partindo, nesse intuito, de um banco de dados constituído a partir do resgate do trabalho de checagem de fatos no país, considerando os projetos que se dedicam a essa atividade de maneira concisa e avaliável, e tendo acesso aos sentidos circulados durante o pico da pandemia no Brasil, sob a luz dos dispositivos elencados, foi possível à presente pesquisa propor, com base nos resultados, uma direção de olhar crítico ao cenário desinformativo brasileiro em suas constituições, identificando nos enunciados recortados as semelhanças estilísticas entre si, a convergência de sentidos que apresentam em suas proposições e os agentes compartilhadores dessas *fake news*, como forma de perceber esse fenômeno e fomentar propostas de resposta, dentro do campo da comunicação.

Dessa forma, a partir do mapeamento de mais de 1000 materialidades desinformativas que circularam nas principais redes sociais no país, tornou-se possível classificá-las em suas características e mapeá-las de maneira a enxergar cientificamente o seu funcionamento. Com mais 90% das representações reproduzindo dizeres de direita, em suas formas, sentidos e autores, materializa-se um caminho palpável para entender a desinformação no Brasil, que fecha sentido com mobilizações políticas nacionais e internacionais.

O CENÁRIO DA INFODEMIA

Os primeiros anos da década de 2020 foram marcados por um evento histórico dramático em todo o mundo. Um vírus potencialmente desconhecido, descoberto em transmissão exponencial, que, em pouco tempo, já havia registrado casos em todo o globo. Apesar da relativa baixa mortalidade, a crise do Sars-Cov-2 demonstrou as características necessárias para ser classificada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020. Nesse contexto, já no dia 20 do mesmo mês, foi estabelecido no Brasil estado de calamidade pública.

Pouco a pouco, diversas linhas narrativas foram sustentadas sobre o vírus, suas possíveis origens e sua real periculosidade. No cenário moderno das redes sociais, e do espalhamento de informações em cascata, como descrevem Easley e Kleinberg (2010), as ambiências virtuais foram tomadas por diversas materialidades discursivas, enunciados que pulverizaram dizeres diferentes sobre a pandemia, indiscriminadamente.

A situação foi tal que a OMS decretou também estado de Infodemia⁴, cuja definição é o compartilhamento desenfreado de informações, dentro de uma emergência sanitária, que promove prejuízos à saúde pública e descrença nas instituições.

De fato, como descrevem Delmazo e Valente (2018), o fenômeno conhecido como “desinformação” está longe de ter surgido na contemporaneidade, uma vez que episódios notáveis de circulação de informações falsas existem desde a criação da imprensa. Contudo, no atual contexto informacional e tecnológico, os meios de desinformação se caracterizam de maneira distinta, a destacar as considerações de Recuero e Grudz (2019), Santos et.al (2019) e Soares et. al (2021), que discorrem sobre as características desse fenômeno na atualidade, a saber: o primeiro sobre as classes de utilizadores que promovem o compartilhamento exponencial de informação no *Twitter*; o segundo analisando a topografia de espalhamento das unidades desinformativas nos aplicativos de mensagem; e o terceiro mapeando o compartilhamento de *links* sobre a hidroxicloroquina no *Facebook*.

Assim, numa tendência política e ideológica que se solidificou nos últimos anos, e que, não sem razão, caracterizou a ascensão da extrema direita no Brasil, como ilustram Da Silva, Sumagosto e Araújo (2021), Teitelbaum (2020) e Santaella (2020), a desinformação toma forma robusta nesse momento histórico, de maneira que configura um exemplar distinto do funcionamento desse fenômeno, salvaguardadas suas especificidades, onde tais proposições incidiram diretamente na saúde e bem estar dos sujeitos e na sua compreensão plena dos acontecimentos.

Desse modo, as materialidades de enunciados falsos, seus espalhadores e os sentidos aí evocados, foram parte integrante da pandemia tanto quanto o caráter efetivamente biológico e sanitário do vírus. Todos os enunciados e a guerra de sentidos evocada entre os dizeres dos órgãos e agentes de saúde, e os dizeres dos órgãos e

⁴ INFODEMIC. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab_1>. Acesso em: 15 nov. 2022.

agentes político-partidários materializaram crenças e mecanismos discursivos de diferentes nichos discursivos.

FACT CHECKING NO BRASIL

Nesse contexto, emerge um formato específico do jornalismo, que resgata, contraditoriamente, o sentido de responsabilidade e veracidade da informação para os meios de comunicação tradicionais, como reflete Dela Silva (2021).

A “checagem de fatos”, descrita assim pelos projeto que a produzem, se coloca como mediadora entre os sujeitos e as informações espalhadas indiscriminadamente na internet. Projetos de revisão de materialidades (des)informativas, recebidas nas redes sociais, englobam, hoje, os principais jornais tradicionais do país, entre eles o Portal Aos Fatos, a Agência Lupa, e o projeto Comprova (coletivo de dezenas de meios de comunicação brasileiros), filiados à *International Fact-Checking Network* (IFCN), como mapeia Porfírio (2022).

A partir desse critério, o acesso aos dados desses endereços foi tomado como metodologia do presente trabalho, uma vez que tais portais possuem critérios públicos, de fácil acesso, método conciso de análise e, no caso dos dois primeiros portais citados, a checagem é realizada referente a materiais enviados pelo público, como um meio de registro da circulação dessas materialidades. Uma vez sendo possível obter um recorte da circulação de sentidos num determinado período, foram resgatadas as publicações referentes à pandemia, checadas de janeiro de 2020 a dezembro de 2021, momento de maior emergência do vírus e da infodemia no Brasil - principalmente nas redes sociais em “efeito de rede” no país (KIRKPATRICK, 2011).

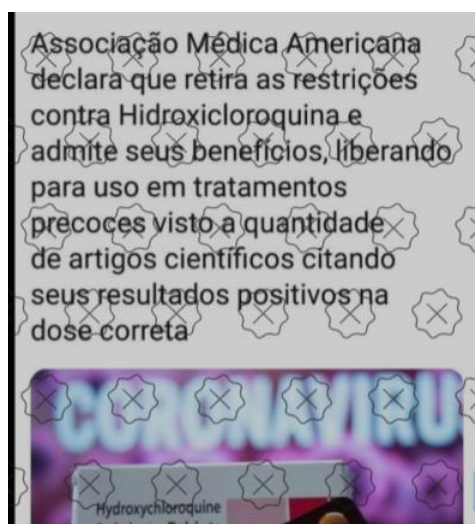
Dessa forma, um banco de dados de 1.154 materialidades (entre imagens, vídeos, textos, tweets, links, e outros) pôde ser posto como corpora heterogêneo de análise, em um campo amostral específico que exclui, até certo ponto, as complexidades subjetivas do discurso desinformativo - considerando o respaldo científico da questão e a objetiva urgência do combate à pandemia - o que ilustra o fenômeno da desinformação em um ambiente proveitoso para pesquisa.

SENTIDOS CIRCULADOS

Dentro desse recorte, à luz da Análise do Discurso de Pechêux, foram segmentadas Sequências Discursivas, recortadas para análise dos sentidos ali expostos, suas origens e suas características de produção. Considerando os resultados obtidos, ilustram os sentidos circulados no Brasil as seguintes proposições: que os dados sobre as mortes no Brasil estariam sendo manipulados; que as informações sobre os métodos de tratamento para a doença estariam sendo manipuladas, para favorecer setores da indústria de saúde ou agentes políticos; que os métodos de prevenção, e as vacinas, relativos à Covid-19, na verdade fariam mal à saúde, ou trariam prejuízos desnecessários ao país; e que a urgência no combate da doença é uma maquinação de diversos agentes políticos (Carvalho, 2022).

Essas conjecturas denotam temas e mecanismos discursivos que se capilarizam para o objeto da pandemia de fora para dentro, ou seja, atribuem aos objetos desse período construções de sentido anteriores a ele, e que permanecem mesmo após a temática se esgotar no debate público. Nesse sentido, ilustram-se, a seguir, exemplos das materialidades circuladas:

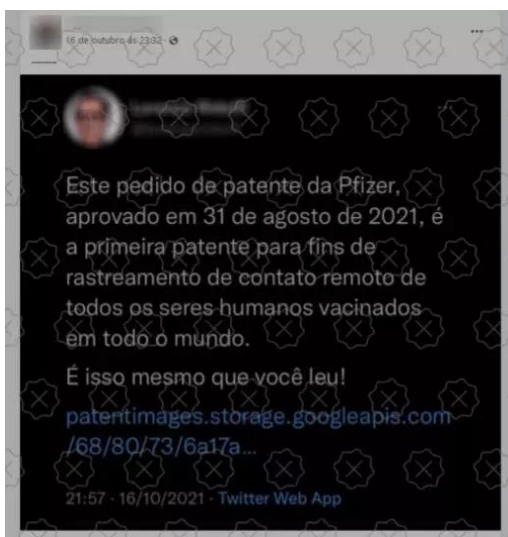
FIGURA 1 - Materialidade extraída de agência de fact-checking



Fonte: Portal Aos Fatos, 2020

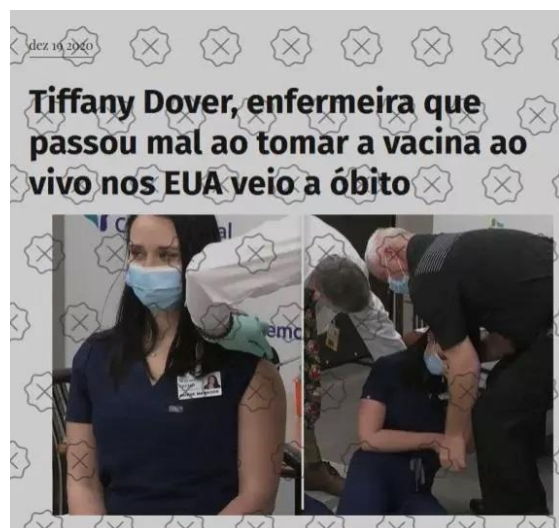
Os enunciados, em maior ou menor grau, convergem num mesmo sentido de ideias e narrativas, de maneira a legitimar as crenças pessoais dos sujeitos e denotar conclusões político-partidárias, impelidas dentro do universo de sentidos proposto. No exemplo acima, a informação simula uma notícia, utilizando-se dos sentidos de confiabilidade e veracidade, para afirmar a liberação de um medicamento, e seus supostos benefícios, estabelecendo uma relação de autoridade (chamada na AD de Relação de Força), a partir de uma suposta “Agência de Saúde Americana”. Todas as considerações expostas foram verificadas como falsas.

FIGURA 2 - Materialidade extraída de agência de fact-checking



Fonte: Portal Aos Fatos, 2021

FIGURA 3 - Materialidade extraída de agência de fact-checking



Fonte: Portal Aos Fatos, 2020

Já as figuras 2 e 3 mobilizam sentidos em relação às vacinas contra a Covid-19. Semelhante à postura tomada sobre todos os métodos de prevenção e controle do vírus, estas duas geram sentido de premeditações ocultas em relação aos medicamentos. Na primeira, a farmacêutica é acusada de comprar uma suposta patente de um sistema de rastreamento, convergindo sentido com a narrativa de que o vírus, fabricado, e a pandemia, uma farsa, são partes de um plano de empresários para “controle” dos sujeitos, afetando de alguma maneira as liberdades individuais, e servindo como “espionagem”.

Já a última imagem, isoladamente tratando de uma suposta morte de uma enfermeira em decorrência da vacina, sustenta, nesse quadro de proposições, a narrativa conspiratória exposta anteriormente. Contudo, ao invés de controle e rastreio, essa mobiliza uma periculosidade de efeito, ainda sustentando o sentido do medo, mas, dessa vez, considerando uma suposta taxa de mortalidade para o fármaco da vacina.

De uma maneira semelhante, outras construções também se vêem postas quanto aos efeitos e possibilidades biológicas da vacina no organismo humano, partindo ou de impossibilidades científicas, ou até mesmo de discursos de ódio.

Além disso, a massiva construção de sentidos envolve ainda, com mecanismos semelhantes, a mortalidade do vírus, os agentes políticos envolvidos na pandemia, os métodos preventivos de higiene, uso de máscara e distanciamento social, o *lockdown* realizado em diferentes países, as unidades de saúde e órgãos internacionais, e a presença de falsos agentes internacionais nos acontecimentos.

Desse modo, constrói-se uma cadência semelhante de dizeres que se sustentam entre si, em união à uma rede de sentidos nas quais operam a maioria das materialidades, uma vez que 92,6% dos enunciados recortados mobilizam um nicho simbólico em comum: as ideias da extrema direita brasileira (Carvalho, 2022).

NAS ENTRELINHAS DO DISCURSO

Considerando a Análise do Discurso, Indursky chama os enunciados desinformativos de “torções discursivas” (Mariane; Dela-Silva, 2019, p. 29). Entende-se assim que essas materialidades evocam sentidos que distanciam os sujeitos do real do fato, constituindo a mobilização de uma memória social (Gregolin, 2011) divergente dos acontecimentos.

Nesse sentido, em busca das condições de produção (Orlandi, 2005) desses enunciados, encontram-se os vestígios deixados de maneira velada nesses dizeres. Levando em conta as semelhanças estéticas e metodológicas encontradas nas materialidades, foram percebidos 14 pontos convergentes como “indicativos de desinformação”: apelo religioso; falsa relação de força; construção textual análoga; cromatografia análoga (repetições no uso das cores); falsa ligação (materialidade verdadeira revestida de dizeres que fogem ao fato, quer dizer, descontextualizada); falso relato de experiência; linguagem de humor (vexatória, jocosa, ou memética); informação fabricada; montagem ou manipulação digital; perfil falso; relação forçosa à

“esquerda” ou ao “comunismo”; e, por fim, “simulação de notícia” (peças que fogiam do formato próprio das redes sociais para sustentar um pressuposto de autoridade simulando convenções dos veículos jornalísticos – Título e subtítulo, chapéu, diagramação análoga a perfis noticiosos, apresentação como veículo de imprensa, link noticioso, etc.).

Além disso, há nesse bloco de enunciados, que expõe mais de 90% de todo o universo amostral, uma permanência de representações. Uma construção de figuras que reproduzem os sentidos do conservadorismo brasileiro - tendo em vista as observações de Da Silva, Sumagosto e Araújo (2021) e Teitelbaum (2020) sobre esse universo simbólico, e que, não por acaso, convergem ainda às considerações de Matos (2021) que observa as características neofascistas da política pública de saúde adotada por Jair Messias Bolsonaro como então presidente do Brasil.

Vê-se assim, representadas nesses dizeres, caricaturas das construções semânticas desse ambiente discursivo, como, por exemplo, relações forçadas à esquerda, articulações falsas com figuras políticas e apelo recorrente a tradicionalismos religiosos, conspirações mundiais “modernistas” e narrativas anticomunistas articuladas internacionalmente, projetadas a acontecimentos, na prática, distantes dessas prerrogativas, que são articuladas em negação constante à ciência e às instituições.

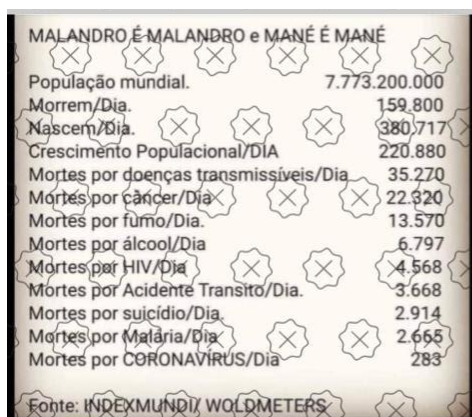
Ainda é válido destacar, também, o caminho midiológico dessas materialidades, muitas vezes traduzidas de peças estrangeiras de desinformação e compartilhadas em grupos recorrentes, cujos sujeitos pertencem às crenças já citadas e compartilham, inconsequentemente, as informações não checadas. Por diversas vezes, essas peças chegam até esses grupos por mecanismos autômatos de postagem, que tomam proveito do funcionamento das próprias plataformas sociais, seus algoritmos e métodos de entrega de conteúdo, para privilegiar o espalhamento das torções discursivas.

É notado ainda que 113 unidades discursivas tiveram como origem (elaboração ou compartilhamento) agentes da política brasileira que se repetiram, entre eles deputados, membros do governo, ou o próprio presidente da república, com dizeres parafraseados em diversas variações. Além disso, 92 peças tiveram como agentes espalhadores profissionais da área médica que, não por coincidência, foram apurados notadamente como sujeitos repetidores dos discursos pertencentes à direita brasileira – figuras essas que seguem ativas no cenário político e discursivo do país.

CAMINHO PARA LITERACIA: UM GESTO DE LEITURA

Se valendo, portanto, do roteiro de leitura citado, é possível enxergar uma possibilidade de ação, articulada em três momentos: primeiro, na observação da forma do conteúdo recebido, tendo em vista suas semelhanças com as convenções da matéria desinformativa; seguindo para a observação das mobilização de sentido ali dispostas, tendo em vista “como” e “porquê” o enunciado diz o que diz da forma como diz; e por último, aliada às etapas anteriores, a avaliação dos compartilhadores daquela materialidade - de onde vem a informação, quem a repassou, e o que este sujeito mobiliza ao sustentar tais proposições. Além disso, se faz necessário buscar as brechas chave, possibilidades críticas da informação que podem ser checadas ou reinterpretadas.

FIGURA 4 - Materialidade extraída de agência de fact-checking



MALANDRO É MALANDRO e MANÉ É MANÉ	
População mundial.	7.773.200.000
Morrem/Dia.	159.800
Nascem/Dia.	380.717
Crescimento Populacional/DIA	220.880
Mortes por doenças transmissíveis/Dia	35.270
Mortes por câncer/Dia	22.320
Mortes por fumo/Dia.	13.570
Mortes por álcool/Dia	6.797
Mortes por HIV/Dia	4.568
Mortes por Acidente Transitó/Dia.	3.668
Mortes por suicídio/Dia	2.914
Mortes por Malária/Dia	2.665
Mortes por COVID-19/Dia	283

Fonte: INDEXMUNDI/ WOLDMETERS

Fonte: Portal Aos Fatos, 2020

FIGURA 5 - Materialidade extraída de agência de fact-checking



Fonte: Portal Aos Fatos, 2020

FIGURA 6 - Materialidade extraída de agência de fact-checking



Fonte: Portal Aos Fatos, 2020

Como exemplo do caminho exposto, as figuras 4, 5 e 6 tornam possível enxergar gestos críticos de leitura que elucidam algumas possibilidades da questão. Na primeira, exemplar de uma classe específica de desinformações encontrada, que operam pela deformação de dados reais, são expostos números de portais de estatística que existem de fato, como forma de deslegitimar a mortalidade da pandemia. Essa materialidade ilustra um mecanismo recorrente: a tomada de uma interpretação equivocada de dados. Segundo a checagem, a peça se utiliza dos portais “Worldmeters e Indexmundi, que não são bases oficiais e estimam óbitos a partir de dados e projeções” (Cunha, 2020).

Além disso, os números não levam em conta a sazonalidade das doenças, as exclusões de valores que se repetem (como as mortes por câncer, que incluem parcela das mortes por fumo) e usa como base uma taxa de mortalidade do início da pandemia, que precisaria ser acrescida exponencialmente meses depois.

Na figura 5, a foto, usada por críticos do atual Ministro da Fazenda do Brasil Fernando Haddad, mobiliza uma relação forçada entre os métodos preventivos da pandemia e espectro político de esquerda, enquanto critica o ex-candidato à presidência por não seguir o isolamento social, projetando sentido de hipocrisia aos defensores do combate ao vírus, alegando que a foto postada pelo político acusa o recebimento de visitas, pelo número de pratos à mesa.

Contudo, a foto é de 2018, e foi publicada em data diferente do aniversário de Haddad. Isso não evitou que a construção “especialistas em mentir”, construída sarcasticamente como crítica à esquerda, rendesse uma série de comentários afirmativos na postagem, que repercutem jocosamente a ideia de mentira e da capacidade intelectual dos políticos de esquerda no Brasil.

Já a última imagem (figura 6) ilustra a matéria da “simulação de notícia”. A informação não apurada repercute um estudo real, realizado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), a partir de amostras de álcool enviadas pela população. “Essas amostras foram enviadas porque já havia uma desconfiança de que aquele produto realmente funcionava. Não foi uma análise pegando uma amostra de todas as marcas”, comentou a universidade à checagem (Pacheco, 2020b). Desse modo, a instituição desmente a construção informativa da suposta matéria, compartilhada no nicho conservador como sinônimo do efeito de sentido de que a população estaria sendo enganada.

O resultado do estudo, no entanto, não é um estudo de mercado, não se refere a venda de álcool no comércio brasileiro e não deslegitima a prevenção ao vírus. Os 80% de problemas encontrados nas amostras recebidas, inclusive, se referem a diferentes situações, e dizem respeito ao serviço de checagem de eficácia do produto, oferecido pelo laboratório da instituição. Os comentários da postagem, no entanto, acumulam afirmações de sujeitos à ideia de que estão sendo permissivos com erros das instituições e enganados há meses pelo incentivo à prevenção ao vírus.

Sem a intenção de esgotar as possibilidades de leitura, o caminho metodológico aqui descrito, uma vez realizado repetidas vezes, mesclando, sem equívocos, os três momentos propostos, paralela e simultaneamente, se oferece aqui como sugestão de um ponto de partida e possibilidade. Tendo em vista o consumo informacional constante e cotidiano, se pretende, desse modo, mobilizar uma ordenação de olhares (Gregolin, 2011), buscando fomentar nos sujeitos o empenho por uma maior criticidade e capacidade de interpretação, aproximando-se do que Oliveira e Souza (2018) entendem por “Competência Informacional”.

Além disso, esse movimento aponta também para a “acontecimentalização” da pandemia, conceito de Gregolin (2011) que observa o modo como os fatos assentam-se na memória social e são referenciados no futuro, ou seja, de que maneira o objeto do discurso norteia a percepção dos eventos históricos, e como os fatos tornam-se (ou não) eventos históricos.

Uma vez estabelecido o embate discursivo aqui exposto, que ultrapassa o momento da pandemia de Covid-19, é possível ver que este se estende pela história do país, desde o passado de violência e exploração do Brasil colônia, às formulações do autoritarismo na história do Brasil e sua permanência, culminando nos eventos políticos que precederam o golpe de 2016, na ascensão da extrema direita ao poder executivo, e na gestão continuada dessas figuras no país até o presente momento - sendo necessário salientar o saldo de 704.897 mortes por Covid-19 que o cenário aqui descrito deixa para os brasileiros, junto à soma de todas as vítimas das violências simbólicas sustentadas por dizeres semelhantes no nosso país.

Portanto, considerando o caminho exposto como uma proposta de ensaio crítico para os sujeitos, a partir dos enunciados recebidos on-line, espera-se impulsionar outros movimentos semelhantes, que visem propor respostas contemporâneas para a realidade

comunicológica contemporânea, onipresente na vivência dos sujeitos em suas esferas física ou digital, particular ou pública.

Dessa forma, lançando um olhar sobre o Banco de Dados aqui explorado, desenha-se uma possibilidade para estudos semelhantes e continuados, que sigam observando e desvelando cientificamente o fenômeno da desinformação, em suas raízes simbólicas, políticas e históricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno da desinformação na sociedade atual é constante e severamente influente nos processos sociais, tendo em vista as tecnologias da informação e as novas práticas comunicacionais associadas às mídias sociais. Com isso, as implicações ideológicas e políticas, que sempre permearam as escolhas dos sujeitos, se tornam sistematicamente sugestionadas por torções discursivas da realidade, que se afastam do real dos fatos para construir discursos que influenciam eleições, decisões públicas e, no contexto da pandemia, afeta a segurança sanitária de toda a comunidade.

É necessário, portanto, apontar para o objeto da desinformação de maneira assertiva, mobilizando respostas significativas a essa realidade para além das discussões do direito, buscando construir senão gestos de leitura acertados para o cenário comunicacional contemporâneo.

O caminho metodológico aqui proposto para leitura de uma materialidade online - Indicativos de falsidade; Permanências de representação; Agentes espalhadores; e levantamento de chaves críticas - se coloca nesse contexto como uma possibilidade de ação, pretendendo possibilitar um caminho crítico ao sujeito médio, que é exposto à uma diversidade constante de informações dissonantes, que nem sempre refletem de fato a intenção de comunicar, mas, o efeito discursivo de torcer a visão dos acontecimentos.

Dessa maneira, um olhar crítico ao que se recebe cotidianamente nas redes sociais é uma das propostas de saída para esse problema complexo e constante que é a desinformação, unindo-se à toda e qualquer exposição de ideia que pretenda coibir o espalhamento de *fake news*, expor o discurso desinformativo como tal e atribuir aos sujeitos possibilidades de ter seu direito à informação preservado no dia-a-dia.

A checagem de fatos, objeto de várias formulações, pôde ser tomada aqui, portanto, como método de alcance das materialidades circuladas durante a pandemia,

constituindo-se como um meio para a composição do campo amostral aqui explorado, tornando possível os gestos de leitura que compuseram a presente análise, e se colocando também como um instrumento contemporâneo à realidade da desinformação, se dando como mais uma opção de reação do sujeito às inúmeras materialidades desinformativas que lhe bombardeiam diariamente.

As implicações políticas do mapeamento aqui elencado não esgotam o cenário da desinformação, mas propõe uma leitura consonante com dezenas de outros estudos acerca do mesmo fenômeno na atualidade, nacional e internacionalmente. Com isso, se torna possível ainda ao leitor ter em mente as implicações das realidades aqui descritas no cenário eleitoral do Brasil atual, considerando ainda os desdobramentos que o atual momento político assiste, após o fim da emergência sanitária e a troca de governo em 2022.

Por isso, é necessário que a pandemia se sedimente em sua historicidade sem perder de vista a dimensão do discurso, da ideologia, e das manobras políticas elencadas por seus agentes, dentro e fora do congresso nacional. Com as severas cicatrizes que ficam no povo brasileiro, é necessário que seja posta em primeiro lugar, a memória das milhares de vítimas, sujeitos com história e identidade interrompidos, sem deixar que as narrativas sobre esse momento se tornem apáticas às suas vivências, mobilizando-se contra o esquecimento dos responsáveis por todo esse flagelo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, L. A. R. **A “farsa” da pandemia: uma análise do discurso desinformativo sobre o coronavírus no Brasil.** 2023. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) - Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

CUNHA, A. R.; PACHECO, P. Posts enganam ao comparar dados oficiais de morte por Covid-19 com estimativas de óbito por outras causas. **Aos Fatos**, 2020. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/posts-enganam-ao-comparar-dados-oficiais-de-morte-por-covid-19-com-estimativas-de-obito-por-outras-causas/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

DA SILVA, W. T.; SUGAMOSTO, A.; ARAUJO, U. I. O Marxismo Cultural no Brasil: origens e desdobramentos de uma teória conservadora. **Cult. relig.**, Iquique, v. 15, n. 1, p. 180-222, jun. 2021.

DE MATOS, M. C. O neofascismo da política de saúde de Bolsonaro em tempos perigosos da pandemia da COVID-19. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 35, p. 25-35, 2021.

DELA SILVA, S. Checar fatos e desmentir boatos: fake news e discurso jornalístico no Brasil. **Fórum Linguístico**, v. 18, n. 2, p. 5949–5961, 2021.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. **Fake news nas redes sociais online**: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Media & Jornalismo*, Lisboa, v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018.

DOS SANTOS, J. G. B. et al. WhatsApp, política mobile e desinformação: a hidra nas eleições presidenciais de 2018. *Comunicação & Sociedade*, v. 41, n. 2, p. 307, 2019.

EASLEY, D; KLEINBERG, J. **Networks, Crowds, and Markets**: Reasoning about a Highly Connected World. Cambridge University Press, 2010.

FAUSTINO, M. Pfizer não registrou patente de sistema para rastrear pessoas vacinadas. **Aos Fatos**, 2021. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/pfizer-nao-registrou-patente-de-sistema-para-rastrear-pessoas-vacinadas/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

GREGOLIN, M. **Análise do discurso e semiologia**: enfrentando discursividades contemporâneas. in: SARGENTINI et al. (org). *Discurso, semiologia e história*. p.83-106. São Carlos, 2011.

GRUZD, A.; MAI, P. **Going viral**: How a single tweet spawned a COVID-19 conspiracy theory on Twitter. In: *Big Data & Society*, v. 7, n. 2, p. 1-9, 2020. Disponível em . Acesso em 15 nov. 2022.

KIRKPATRICK, D. **O efeito facebook**. Trad. M.L. Oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2010.

MARIANI, B.; DELA-SILVA, S. **Discurso político: processos de significação em tempos de fake news** – Uma entrevista com Freda Indursky. *Caderno de Letras UFF, Niterói*, v. 30, n. 59, p. 13-31, jul./dez. 2019.

MENEZES, L. F. É falso que enfermeira americana morreu após tomar vacina contra Covid-19. **Aos Fatos**, 2020. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-enfermeira-americana-morreu-apos-tomar-vacina-contracovid-19/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

NETO, O. C. Neofascismo, “nova república” e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, v. 10, n. 24, p. 120–140, 2020.

OLIVEIRA, M. L. P; SOUZA, E. D. **A competência crítica em informação no contexto das fake news**: os desafios do sujeito informacional no ciberespaço. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, n. XIX, ENANCIB, 2018.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

PACHECO, P. Haddad não celebrou aniversário com amigos durante a pandemia; foto é de 2018. **Aos Fatos**, 2020a. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/haddad-nao-celebrou-aniversario-com-amigos-durante-pandemia-foto-e-de-2018/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

_____. É falso que estudo indicou que 80% do álcool em gel vendido no Brasil não age contra o coronavírus. **Aos Fatos**, 2020b. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-estudo-indicou-que-80-do-alcool-em-gel-vendido-no-brasil-nao-age-contr-o-coronavirus/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi et al. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PORFÍRIO, R. A. C. **Fake News e Fact-Checking**: Mapeamento de Práticas de Verificação Utilizadas por Agências de Checagem Sul-Americanas. Orientador: Prof. Dr. Alberto Marques. 2022. 1-112 p. Tese (Mestrado em Comunicação e Economia Criativa) - Universidade Católica de Brasília, Brasília - DF, 2022.

RECUERO, R; GRUZD, A. **Cascatas de Fake News Políticas**: um estudo de caso no Twitter. *Galáxia*, São Paulo, n.1, p. 31-47, 2019.

RIBEIRO, A. Associação Médica Americana não recomenda hidroxicloroquina contra a Covid-19. **Aos Fatos**, 2020. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/associacao-medica-americana-nao-recomenda-hidroxicloroquina-contr-a-covid-19/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

SANTAELLA, L. **A semiótica das fake news**. *Verbum*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 9-25, 2020.
SOARES, F. B. et al. Covid-19, desinformação e Facebook: circulação de URLs sobre a hidroxicloroquina em páginas e grupos públicos. *Galáxia*, São Paulo, n. 46, 2021.

TEITELBAUM, B. R. **GUERRA PELA ETERNIDADE**: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora Unicamp, 2020.